

## **The Countermanding Order, 1916 \***

And my young grandmother,  
what of her?  
Was she, too, dejected?  
No documentary evidence exists.  
My mother, too young, at seven months,  
to remember, herself, used tell us,  
she heard the horse and trap in the yard again  
and could not believe her ears.

What was my grandmother doing?  
Did she clear away a half-eaten Easter dinner  
talking, distractedly, to her two little boys,  
as she scraped jelly from a glass bowl?  
Did she mix feed for hens or pigs,  
or wonder about bringing cattle in for milking?  
Did she pray, or take out her handwork?  
Was she putting the baby down for her rest?

Only hours earlier  
in the swept farmyard,  
she had said goodbye  
to her husband of six years,  
her exiled lover of seven more,  
whose letters had been carried in steamships  
across Caribbean and Atlantic tides.

On this Sunday morning, had they embraced  
as he headed for the muster at Dungannon?  
—as he enjoined her to bring up the children  
as good Catholics and good Irishmen and Irishwomen.  
(My mother, in old age, was to remark, with a raised eyebrow,  
Wasn't it a bit cool of him, all the same?)

Now, as the trap clattered in through the gate  
and the horse, Rebel, halted in his familiar place,  
did my young grandmother wipe her hands in her apron,  
did she rush to the door?

Although the rising had been called off,  
although the great cause seemed lost again,  
did her heart not rejoice?

Moya Cannon

From *Donegal Tarantella*. Carcanet, 2019. Reproduced by kind permission of the  
author and the publisher.

\* The Countermanding Order was an order issued by Eoin MacNeill, Commander-in-Chief of the Irish Volunteers, and published in the Sunday Independent, Dublin, on Easter Sunday 1916. Its aim was to prevent the countrywide uprising planned by a secret military committee drawn from the Irish Volunteers and Irish Citizen Army, including Patrick Pearse, Thomas Clarke, Thomas McDonagh and James Connolly.

## **A Contra-Ordem, 1916\***

E a minha jovem avó,  
o que foi feito dela?  
Deixou-se abater também?  
Não há qualquer evidência documental.  
A minha mãe, aos sete meses, muito jovem,  
para se lembrar, conforme nos dizia,  
ouvira um cavalo e a cilada no jardim de novo  
e mal acreditava no que ouvia.

O que fazia a minha avó?  
Teve tempo de tirar o jantar de Páscoa comido às pressas  
enquanto conversava distraidamente com os seus dois meninos  
e raspando a geléia de um pote de vidro?  
Será que misturou a comida das galinhas ou dos porcos,  
ou pensou em trazer o gado para a ordenha?  
Será que ela orou ou trouxe consigo trabalhos manuais?  
Será que estava pondo o bebê para dormir?

Há apenas algumas horas  
no limpo curral  
ela havia se despedido  
do marido de um casamento de seis anos,  
do seu exilado amante de mais de sete,  
cujas cartas tinham sido levadas em barcos a vapor  
pelas ondas atlânticas e caribenhas.

Nesta manhã de domingo, será que eles se abraçaram  
enquanto ele se dirigia à concentração em Dungannon?  
—e a fazia prometer cuidar dos filhos  
como bons católicos e irlandeses e irlandesas que eram.  
(A minha mãe, na velhice e com as sobrancelhas levantadas, comentava:  
Não era simpático da parte dele, de todo modo?)

Agora que a cilada avançava portão adentro  
e o cavalo, Rebel, parava em seu local familiar,  
será que a minha jovem avó enxugava as mãos no avental,  
será que ela correu à porta?

Ainda que o levante tivesse sido cancelado,  
ainda que a grande causa parecesse perdida novamente,  
não terá o seu coração vibrado de felicidade?

Portuguese translation by Gisele Wolkoff

\* A Contra-Ordem foi uma determinação expedida por Eoin MacNeill, comandante-chefe dos Voluntários Irlandeses, e publicada pelo Sunday Independent, Dublin, no domingo de Páscoa de 1916. O seu objetivo era prevenir o levante nacional planejado pelo comitê militar secreto, advindo dos Voluntários Irlandeses e pelo Exército de Cidadãos Irlandeses, incluindo-se Patrick Pearse, Thomas Clarke, Thomas McDonagh e James Connolly.